

Sustentabilidade da Saúde só se consegue com as pessoas

Opiniões nem sempre convergentes, culminaram numa mesma ideia: são as instituições e as pessoas que promovem a sustentabilidade

**MARLENE CARRIÇO
ANA LARANJEIRO**

O Serviço Nacional de Saúde (SNS) não será sustentável se depender apenas do poder político. As instituições e as pessoas têm de ser chamadas a contribuir para este fim, que é o único possível para se poder continuar a prestar cuidados de saúde universais, gerais e tendencialmente gratuitos, como vem acontecendo nas últimas três décadas em Portugal.

“A sustentabilidade é algo que nos diz muito a todos. Cabe em primeira linha ao Governo assegurá-la, mas são as instituições e as pessoas que cumprem isso”, disse ontem o ministro da Saúde, Paulo Macedo, no encerramento da cerimónia da entrega dos “Prémios Saúde Sustentável”, uma iniciativa promovida pelo **Negócios** e pela Sanofi e que pretendeu distinguir casos de “sucesso” de gestão no panorama do sistema nacional de saúde (instituições públicas e privadas nos vários níveis de cuidados – primários, hospitalares e continuados).

“São verdadeiros exemplos. Conheço as pessoas que foram distinguidas e as iniciativas que desenvolveram são exemplos a seguir. Vale a pena premiar o mérito e diferenciar” as boas práticas, rematou o governante.

No discurso de abertura o ex-presidente da República, Jorge Sampaio, já tinha também sublinhado que é necessário um maior equilíbrio entre o poder político e o poder cívico. “Todos são necessários neste contexto de extrema dificuldade”, defendeu, alertando para os perigos dos “soundbites terríveis” que “ameaçam o bem-estar das pessoas e a sua capacidade de entender o que se está a passar”. Exemplo claro disso é a polémica em torno do encerramento da Maternidade Alfredo da Costa (MAC).

Na mesma linha, o ex-ministro da saúde, Luis Filipe Pereira, dis-

se que as reformas necessárias no sector “têm de ser feitas com as pessoas”.

Cortes na área do medicamento “são excessivos”

Sobre as reformas que estão a ser implementadas, no âmbito daquilo que foi acordado com a troika há um ano, os especialistas ontem reunidos no Hotel Sheraton, defenderam que é preciso outro tipo de reformas. “Há a necessidade de introduzir profundas reformas para que seja possível manter e preservar o essencial do SNS”, disse Luis Filipe Pereira, avançando com algumas das medidas necessárias: uma reestruturação dos serviços hospitalares, uma “gestão mais personalizada”, uma “avaliação do sistema de desempenho” e por “incentivos”. O ex-governante criticou ainda o facto de o Estado nunca ter “desenvolvido função de controlo” dos resultados, algo “que tem de ser feito”.

Uma das medidas da troika que mais críticas mereceu foi a da redução da despesa com medicamentos, de 1% num ano. “Diminuir em 1% a despesa com medicamentos é brutal. Deixa-nos numa posição altamente ansiosa e sentimo-nos instáveis. Muitas vezes vemos que as políticas não têm em conta os fenómenos. É completamente diferente falar de medicamentos para a gripe ou para o cancro”, disse António Vaz Carneiro, professor de Medicina da Universidade de Lisboa. Posição reforçada pelo professor e economista da saúde, Miguel Gouveia, que disse que “aquilo que está a ser pedido ao nível do medicamento é excessivo”.

Numa mensagem em vídeo, Paula Testori Coggi, directora-geral para a Saúde e Consumidores da Comissão Europeia, lembrou que o programa de ajustamento tem como objectivo “apoiar completamente a reforma do sistema de saúde português”.



DISCURSO DIRECTO

Vale a pena premiar o mérito e diferenciar [as boas práticas].

PAULO MACEDO
Ministro da Saúde

Todos são necessários [poder políticos e poder cívico] neste contexto de extrema dificuldade.

JORGE SAMPAIO
Ex-Presidente da República

As reformas na saúde têm de ser feitas com as pessoas.

LUIS FILIPE PEREIRA
Ex-ministro da Saúde

Bruno Simão



Premiar as boas práticas para garantir o SNS geral e tendencialmente gratuito

Júri composto por 14 especialistas na área avaliou as 21 candidaturas de acordo com cinco métricas

MARLENE CARRIÇO

Há anos que se ouve dizer que o Serviço Nacional de Saúde (SNS) tem de ser sustentável e essa tem sido a justificação mais vezes apresentada pelos vários governantes aquando da adopção das medidas de contenção. Mas o futuro do serviço público de saúde geral, universal e tendencialmente gratuito continua comprometido, nas palavras do próprio ministro da Saúde. É preciso portanto continuar a reduzir despesa, uma vez que o orçamento disponível tende a cair. Mas se há instituições que ficam a aguardar pelas orientações do ministério, há outras que agem por si.

Incentivar as boas práticas de gestão, que visam a sustentabilidade do sistema de saúde, é um dos objectivos do “Prémio Saúde Sustentável”, uma iniciativa conjunta do **Negócios** e da Sanofi, que decorre há mais de meio ano. Estes prémios destinam-se a entidades, individuais e colectivas, públicas ou privadas, prestadoras de cuidados de saúde – hospitalares, cuidados primários ou cuidados continuados –, que se tenham destacado por promover e implementar princípios e acções de sustentabilidade com impacto tangível na saúde.

A metodologia de avaliação, assente em cinco critérios – governação clínica e segurança do paciente; centralização dos cuidados de saúde; responsabilidade ambiental; gestão das tecnologias em saúde e sustentabilidade económico-financeira –, foi desenvolvida pela ATKearney, sob a coordenação de João Carapeto e contou com a análise e contributos do júri quer em reuniões realizadas para o efeito como em troca de mails. As instituições tiveram de responder a questões quantitativas mas também qualitativas.

Uma das preocupações presente na elaboração da metodologia foi a de reduzir ao mínimo o trabalho aos candidatos. Esta simplificação foi conseguida com a utilização dos indicadores presentes nos contratos-programa.

As respostas foram posterior-

mente avaliadas por um júri composto por 14 elementos, com experiência em diversas vertentes do sector da saúde, e presidido pelo ex-presidente da República, Jorge Sampaio.

No domínio da definição das políticas, destaca-se a ex-ministra da Saúde, Maria de Belém. Na área da execução surge o actual administrador do Hospital de Cascais, Adalberto Campos Fernandes, e o presidente do grupo técnico para a reforma hospitalar, José Mendes Ribeiro. Miguel Gouveia, professor da Universidade Católica, deu um contributo no domínio da análise académica dos dados. Deram ainda contributo Abel Mateus (economista); Couto dos Santos (ex-ministro da Educação e ex-presidente da Comissão Parlamentar de Saúde); Alexandre Lourenço (director coordenador da Administração Central do Sistema de Saúde); Diogo Lucena (membro do conselho de administração da Fundação Gulbenkian); Batel Marques (professor na Faculdade de Farmácia da Nova); Jon Fairest (director-geral da Sanofi); Heitor Costa (director executivo da Apifarma); Teresa Caeiro (deputada) e Laurentina Martins (administradora da Cofina).

O júri foi muito activo na definição dos critérios de avaliação, ainda antes do lançamento da iniciativa, com propostas concretas. Recebidas as candidaturas, voltou a reunir mais duas vezes analisando ao pormenor os resultados. Ao todo, candidataram-se a este prémio 21 instituições no total das três categorias, das quais foram seleccionadas 12 e por fim sete.

O **Negócios** foi publicando ao longo desta semana reportagens em cada uma dessas instituições (unidade de cuidados continuados de Cantanhede; USF de Valongo; ACES Espinho/Gaia e USF Marginal; Hospital de Leiria, Hospital de S. João e CUF Descobertas) que culminaram ontem, com a entrega dos prémios aos três vencedores e menções honrosas, bem como o Prémio Personalidade. Para o ano há mais.

O prémio destina-se a entidades que se tenham destacado por promover e implementar princípios e acções de sustentabilidade.



Diminuir em 1% a despesa com medicamentos é brutal. Deixa-nos numa posição altamente ansiosa e sentimo-nos desconfortáveis.

ANTÓNIO VAZ CARNEIRO
Professor de Medicina da Universidade de Lisboa

Aquilo que está a ser pedido ao nível do medicamento é exagerado.

MIGUEL GOUVEIA
Professor e economista da Saúde

José Pereira Miguel tem mais anos de “Saúde” do que o SNS

Começou a exercer medicina no Santa Maria em 1978, um ano antes da criação do SNS. Desde então ocupou vários cargos dirigentes. José Pereira Miguel foi eleito a “Personalidade Saúde Sustentável”

MARLENE CARRIÇO
marlenecarrico@negocios.pt

Pouco conhecido junto do grande público, mas muito reconhecido entre os pares. José Pereira Miguel reúne uma experiência de mais de 30 anos na área da Saúde e recebeu ontem o galardão de “Personalidade Saúde Sustentável”.

José Pereira Miguel começou a exercer medicina interna no Hospital Santa Maria antes mesmo da criação do Serviço Nacional de Saúde (SNS), em 1979. Manteve-se nessas funções até 1988, altura em que saiu para dirigir o Hospital da Cruz Vermelha.

Ontem, na entrega do prémio, o especialista Mendes Ribeiro caracterizou José Pereira Miguel como uma “pessoa com um contributo único para o nosso sistema de saúde”. “É um singelo tributo para toda a vida e carreira na causa da saúde”, continuou Mendes Ribeiro, listando as várias funções desempenhadas pelo médico e professor. “Das muitas missões que tem abraçado, o premiado tem posto todo o seu conhecimento ao serviço do nosso País, com uma preocupação permanente pela melhoria e sustentabilidade do Sistema de Saúde”, concluiu.

Visivelmente emocionado, o galardoado disse que toda a vida se interessou pela “questão da prevenção”. “Trabalhar na promoção da saúde. A minha vida tem estado ao serviço deste ideal”, frisou, depois de revelar que quando contactado pela organização da iniciativa ficou na dúvida se deveria aceitar pelo facto de estar envolvida a indústria farmacêutica. “É um diálogo que tem de ser feito com cuidado”, explicou, acrescentando que pediu a opinião a um interlocutor que lhe respondeu “estás com o presidente Jorge

Das muitas missões que tem abraçado, o premiado tem posto todo o seu conhecimento ao serviço do País, com uma preocupação permanente pela sustentabilidade.

JOSÉ MENDES RIBEIRO
Presidente do grupo técnico para a reforma hospitalar

Sampaio, estás bem!”.

Omédico de 64 anos dirige o Instituto de Medicina Preventiva desde 1995, função que tem acumulado com outras posições dirigentes, independentemente da cor partidária no poder. Foi subdirector geral da Saúde em 1998-1999; director-geral da Saúde entre 2001 e 2005 e alto-comissário da Saúde entre 2001 e 2006. Desde 2006 preside também ao Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA).

Este responsável é ainda professor catedrático de Medicina Preventiva e Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Lisboa desde 1998. Acumula ainda experiência na área da investigação em epidemiologia e prevenção cardiovasculares e avaliação de tecnologias da saúde. Desde 1998 que representa Portugal em diversos grupos e comités da União Europeia e da OMS.



Jorge Sampaio | O presidente do júri entregou o prémio de “Personalidade Saúde Sustentável” a José Pereira Miguel.



Três ex-ministros | Maria de Belém e Luís Filipe Pereira foram ministros da Saúde, enquanto Couto dos Santos teve a pasta da Educação.



Jorge Sampaio, Paulo Macedo e José Mendes Ribeiro | O ministro da Saúde fez questão em estar presente na entrega dos prémios.



Jon Fairest e Miguel Abalroado | O director-geral da Sanofi, que patrocinou os prémios, conversa com o responsável da Cofina Eventos.

OS ELEITOS DO JÚRI

Cuidados continuados Portas de Cantanhede continuam abertas para as famílias



Fechar com chave de ouro | Vítor Leonardo, presidente do Conselho de Administração, terminou a sua comissão de serviço em Março e ontem viu a sua gestão premiada.

A proximidade e a centralização no doente, os trunfos do Hospital de Cantanhede, valeram à instituição a atribuição do prémio Saúde Sustentável na categoria de cuidados continuados. Esta instituição de saúde foi a única finalista nesta área, mas para o júri pesaram indicadores como o elevado nível de satisfação dos utentes ou o facto de as famílias terem total liberdade para acompanhar a evolução dos doentes.

O júri entendia que, no sector dos cuidados continuados, a sustentabilidade é fundamental, merecendo especial atenção a racionalização dos custos, ocupação das camas e gestão dos recursos humanos. Cantanhede é exemplar em cada um destes indicadores: é um hospital sem dívidas, que paga a 30 dias aos seus fornecedores, conseguiu uma redução de 20% nos custos em 2011. A taxa de ocupação de camas foi de 87% em 2010 e, nos recursos humanos, a administração optou por contratar médicos em regime de prestação de serviços. “Aqui, o que pagamos aos médicos é aquilo que eles fazem”, garante o presidente do Conselho de Administração, Vítor Leonardo.

Contudo, a atenção que dedica ao doente é aquilo que mais distingue o Hospital de Cantanhede. É nesta unidade de saúde que os doentes podem usar as suas próprias roupas, para se sentirem mais autónomos e menos doentes. “Uma vez estive aqui um senhor que ficou muito satisfeito por se ver ao espelho: já não o fazia há três meses, desde que tinha sido internado num outro hospital”, descreveu, durante a visita do **Negócios**, o enfermeiro responsável pela unidade de Convalescença, João Paulo Pereira.

Programas como o SOS Morse, de prevenção de quedas entre os doentes, ou a monitorização de ansiedade e de úlceras de pressão têm garantido resultados muito positivos ao hospital. Por exemplo, só houve uma taxa de prevalência de quedas de 4% em 2010 – que aconteceram por desorientação do doente, explica a enfermeira-directora Áurea Andrade. O hospital consegue atingir uma taxa de 97% na prevenção das úlceras de pressão. A formação de doentes e familiares, para que saibam como tratar as mazelas após a alta, é uma grande preocupação do pessoal. **BS**

Cuidados primários O único suspiro que se ouve em Valongo é para o estetoscópio



USF de Valongo | Foi na métrica “centralização dos cuidados no doente” que este centro de saúde melhor pontuou. O prémio foi entregue por Jon Fairest, da Sanofi.

Da entrada no edifício, em que o porteiro Simão Vicente tem um ar mais simpático que o habitual sisudo dos seguranças; passando pela sala de espera, em que o ritmo no atendimento nem dá tempo para suspiros de impaciência e muda a cada dez minutos os rostos que ali se vêem; prosseguindo pelo sorriso de Carla Rocha, a secretária que vai até “mais feliz para o trabalho e rende mais” por “toda a equipa trabalhar para um objectivo comum”; e terminando no testemunho de Narciso Alves, da comissão de utentes, que vê melhorias de “200% ou 300%” num serviço “espectacular” e que apenas se queixa contra o poder local pela “miséria” do estacionamento. A chegada à USF de Valongo indicia uma “paz social” pouco comum em serviços de saúde, assente na tese mais repetida durante a visita do **Negócios**: “o utente é o centro do sistema”.

A “centralização dos cuidados de saúde no doente” foi precisamente o critério em que a unidade pontuou melhor neste concurso. A métrica mostra que o vencedor do prémio “Saúde Sustentável”, na categoria “cuidados primários”, conseguiu o primeiro lugar no ranking de candidatos em quatro dos seis indicadores analisados. Tem a melhor taxa de utilização global de consultas médicas (74%) e de consultas de planeamento familiar (60,8%), não tem um único utente inscrito sem médico de família e nenhuma outra unidade concorrente garantiu em 2010 uma percentagem tão elevada de consulta na vida efectuada até aos 28 dias como aquela que é avalizada aos bebés de Valongo.

Margarida Abreu Aguiar, a coordenadora da USF Valongo que lidera uma equipa de oito médicos, oito enfermeiros, seis secretárias e cinco internos, indica que racionalizaram a procura ao adaptar os horários dos profissionais ao fluxo de doentes, através da monitorização mensal e pelo aumento da capacidade de consulta, que, inclusive, reduziu o absentismo. Cada médico tem uma média de 1.900 doentes e, de 2010 para 2011, reduziu em 19,5% a despesa com medicamentos e em 29% os gastos com meios complementares de diagnóstico. Outra “vantagem comparativa”, salienta, é a acreditação internacional que assegura a qualidade da actuação e avaliações periódicas. **AL**

Cuidados hospitalares Buáaa e as provas de que o utente está no centro de Leiria



Santo André | O programa de assistência a mães, o Buáaa, é uma das justificações para a entrega do prémio a Helder Roque, presidente do Hospital, pela mão de Paulo Macedo.

Um berçário. Várias camas. Vários bebés. Um auscultador para cada bebé. Na sala de lazer, há caixotes encostados à parede. É aí que os funcionários da entidade colocam os brinquedos depois de utilizados pelas crianças internadas nos serviços. Só depois de lavados voltam a estar disponíveis. Evitar o contágio de doenças é uma palavra-chave na pediatria do Hospital de Santo André, em Leiria.

Estes são dois exemplos que podem justificar o facto de o hospital de Leiria ter ficado em primeiro lugar no critério que mede as infecções hospitalares na avaliação para o Prémio Saúde Sustentável. São pouco mais de três casos, em cada cem, aqueles em que há uma infecção devido a cuidados de saúde.

De dimensão distrital, Santo André ganhou o primeiro prémio nos cuidados hospitalares, pelas mãos de Paulo Macedo. Na opinião do júri, o facto de se centrar apenas no que consegue fazer bem é um dos pontos positivos. A pediatria, que já tinha recebido um prémio da revista “Sábado”, e a cardiologia, renovada há menos de dois anos, são dois dos serviços em destaque na entidade liderada por Helder Roque.

O Hospital de Santo André consegue boa nota na “inovação do serviço ao paciente”. Houve uma renovação, há dois anos, da unidade de cardiologia de Hemodinâmica – em que se realizam práticas invasivas para fins terapêuticos ou de diagnóstico – e que conquistou as atenções da administração, tendo superado, ao longo dos dois anos em que está a funcionar, as expectativas iniciais. O sistema de quiosques de atendimento automático – que evita o “check in” em balcão e dispensa o “check out” – também é elogiado pelo júri. Os programas “Buáaa” e “CirAmb24” são iniciativas que, na opinião de quem premiou, mostram um “enfoque nos doentes”. Com eles, o hospital está disponível para ajudar os utentes, mesmo depois de saírem do hospital. O que falta? Conquistar funcionários para melhorar serviços. Um dos exemplos é a otorrinolaringologia. “Temos muita procura [de utentes], mas temos uma enorme dificuldade em encontrar profissionais disponíveis”, na opinião de João Coucelo, director clínico da instituição. **DC**